

AS POSSÍVEIS INTER-RELAÇÕES ENTRE VIOLÊNCIA E CONFIGURAÇÃO ESPACIAL: UM ESTUDO DE CASO NO BAIRRO DA BOCA DO RIO (SALVADOR-BA)

Cláudia Alves dos Santos*
Angelo Szaniecki Perret Serpa**

Resumo: *A violência urbana é um fenômeno que, atualmente, produz muitos estudos em várias áreas do conhecimento, contudo a presente pesquisa busca compreender, sob um enfoque geográfico, a problemática da violência no bairro da Boca do Rio, localizado na Orla Atlântica de Salvador, analisando as inter-relações entre a violência e a configuração espacial, baseando-se na aplicação do método da sintaxe espacial. A pesquisa objetivou traçar o perfil sócio-econômico da população do bairro, efetuando levantamentos e análises de dados quantitativos sobre a violência na área-estudo, especificando os tipos de violência, verificando e analisando as medidas preventivas de segurança utilizadas pelos moradores. Buscou-se também analisar a dinâmica da segurança pública no bairro, analisando e relacionando iluminação pública, existência de áreas de lazer e violência. Os resultados demonstraram os maiores índices de violência nas áreas de maior circulação de pessoas, presença de comércio e serviços, linhas de transporte e áreas de lazer, enquanto áreas de difícil acesso apresentaram os menores índices de violência. A configuração espacial foi analisada como resultado e condição da relação entre espaço e sociedade, enfocando os diversos sistemas de ações, políticos, culturais, filosóficos e econômicos, que formam o espaço geográfico, sendo, assim, essenciais para embasar as discussões sobre violência urbana no campo de Geografia.*

Palavras-chave: Boca do Rio; Violência; Sintaxe espacial.

INTRODUÇÃO

A violência urbana é um fenômeno que, atualmente, produz muitos estudos em várias áreas do conhecimento, no entanto, a temática será abordada aqui numa perspectiva geográfica. A pesquisa, integrante do Projeto Espaço Livre de Pesquisa-Ação, é um aprofundamento de resultados produzidos, no período de setembro de 2004 a agosto de 2005, sobre os aspectos de infra-estrutura e percepção de moradores do Bairro da Boca do Rio.

Nas entrevistas realizadas anteriormente com os moradores a questão da violência foi um elemento bastante citado. As perguntas não possuíam este direcionamento, mas os moradores de alguma forma buscaram relacioná-las com a violência no bairro, portanto fez-se necessário um aprofundamento sobre o tema, pois a violência urbana interfere diretamente no cotidiano dos moradores, podendo até originar novas práticas e espacialidades.

A presente pesquisa busca compreender a problemática da violência no bairro da Boca do Rio, localizado na Orla Atlântica de Salvador, entre os bairros de Armação e Corsário, tendo como objeto de estudo as inter-relações entre a violência e a configuração espacial.

A espacialização da violência teve como método específico de análise a Sintaxe Espacial. Este método permitiu analisar a constituição da estrutura do bairro da Boca do Rio, através dos espaços livres e edificados, bem como a integração e segregação destes espaços por eixos de circulação. O método pode ser aplicado em qualquer escala de análise, porém neste estudo a escala priorizada foi a grande escala (1:2000). O bairro é visto como um elemento constituinte

* Licenciada em Geografia e estudante do curso de Bacharelado em Geografia da Universidade Federal da Bahia, autora. E-mail: claudialvesantos@yahoo.com.br

** Professor adjunto doutor do Departamento e Mestrado de Geografia, pesquisador do CNPq, orientador. E-mail: angserpa@ufba.br

do tecido urbano, sendo assim influenciado por outras partes da cidade, mas ao mesmo tempo possuindo também dinamismo próprio.

A configuração espacial foi analisada como resultado e condição das relações entre sociedade e espaço, para tanto foram realizadas análises sobre o perfil sócio-econômico da população do bairro; levantamentos e análises de dados quantitativos sobre a violência na área-estudo, especificando os tipos de violência; classificação e análises das medidas preventivas de segurança utilizadas pelos moradores; identificação e análises da dinâmica da segurança pública no bairro, iluminação pública e áreas de lazer, bem como aplicação de questionários com moradores do bairro.

O perfil sócio-econômico da população da Boca do Rio baseou-se nos dados dos setores censitários do IBGE (2000). Foram escolhidos vinte e três setores censitários do bairro e as seguintes categorias de dados: faixa etária, sexo e renda. O objetivo desta etapa foi analisar a dinâmica da ocupação local atual no bairro da Boca do Rio.

O levantamento dos dados estatísticos dos tipos de violência no bairro se constituiu em visitas ao Centro de Documentação e Estatística da Polícia (CEDEP) e à Delegacia do bairro (Nona Delegacia). Buscando-se relacionar esses dados com a morfologia urbana, foi analisada a espacialização dos seguintes tipos de violência: homicídio doloso, roubo, furto, estupro e tráfico de drogas. Os outros tipos de violência não serão levados em consideração, porque não aparecem espacializados nos formulários cedidos à pesquisadora.

Na pesquisa anterior, foram realizados estudos sobre a infra-estrutura do bairro: distribuição e espacialização do comércio e serviços, do transporte público e das áreas de lazer. Todas estas três temáticas são importantes para a pesquisa atual, porém fez-se ainda necessário o mapeamento dos postes de iluminação na escala de 1:2000 e um enfoque maior nas áreas de lazer, buscando-se sempre sua relação com o problema da violência no bairro.

A definição da amostragem para aplicação de questionários foi baseada na tabela do livro “Quantificação em Geografia”, tomando como base a população total do bairro de 24.799 habitantes. A quantidade estabelecida pela tabela foi de trezentos e setenta e nove questionários, no entanto, a quantidade foi considerada alta para os propósitos da pesquisa, assim optou-se por testar a amostra. Foram aplicados cento e oitenta e nove questionários, não ocorrendo uma variação significativa das respostas para além desse limite. A distribuição dos questionários baseou-se na definição das áreas “mais violentas” e das “menos violentas”, bem como na hierarquia dos eixos de circulação e espaços livres de edificação, estabelecida pelo método da sintaxe espacial.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

A dinâmica da ocupação local

A Boca do Rio é um bairro marcado pela presença de uma população com características bastante diversas, destacando-se a diferenciação de renda entre os moradores. O bairro é caracterizado como de “baixa a média” renda. O histórico da área é também marcado por ocupações bastante peculiares. Inicialmente, o bairro era formado basicamente por uma população de pescadores e veranistas (até os anos cinquenta do século XX), depois ocorreu, em 1958, um processo de invasão na área central do bairro (Final de Linha), com o Estado intervindo e não permitindo construções sem alinhamento. Por fim, na década de 1960, moradores da “invasão de Ondina” foram relocados para a Boca do Rio e se fixaram nas áreas mais elevadas, que foram terraplenadas para a implantação dos lotes. Atualmente, nos setores censitários próximos à Orla, estão aqueles que possuem as maiores rendas, enquanto nas áreas mais periféricas estão os moradores com as menores rendas.

A infra-estrutura do bairro é também bastante diferenciada, existindo uma quantidade representativa de linhas de ônibus, comércio e serviços bastante especializados e presença de áreas de lazer na Orla. Na área mais central (proximidades do Final de Linha) ainda se encontram linhas de ônibus, comércios e serviços diversificados, porém as áreas de lazer são bastante escassas. As áreas mais periféricas do bairro são geralmente desprovidas de investimentos, não há linhas de ônibus, o comércio e os serviços são caracterizados como “Comércio de Vizinhança”¹ e há apenas uma área de lazer, localizada próxima ao terreiro Pilão de Prata.

A violência na Boca do Rio: Aplicação do método da sintaxe espacial

O método da sintaxe espacial permite analisar o sistema de espaços abertos existentes e a integração destes por eixos de circulação. O aspecto fundamental da Sintaxe Espacial baseia-se na co-presença entre o “habitante” e o “visitante” para cada fração espacial estudada. A análise do método pressupõe categorias sintáticas, como ponto de partida para a construção de hipóteses relacionais entre a morfologia urbana e os sistemas de co-presença (SERPA, 2001). As categorias sintáticas analisadas nesta pesquisa foram: existência de Ilhas Espaciais (espaços edificadas), Axialidade (integração dos espaços livres pelas linhas axiais) e Conectividade das linhas axiais (ligações entre os eixos de circulação). Através de um programa de computador, conhecido como Axial 3, foi possível hierarquizar todo o sistema de espaços livres de edificação existentes na escala do bairro.

Com a aplicação do método e as visitas em campo, no ano de 2004, foi possível observar onze espaços livres públicos hierarquizados e caracterizados como praça, largo, talude, canteiro central, fim de linha, jardim, parque, campo de futebol e rua fechada, com algum tipo de utilização. Por motivos de segurança da pesquisadora, algumas áreas consideradas pertencentes ao bairro da Boca do Rio foram excluídas da pesquisa, como, por exemplo, a Baixa do Cajueiro e a Baixa Fria.

Nas áreas mais integradas com alta conectividade estão presentes as áreas de lazer do bairro (apenas “As Quadras” estão localizadas em áreas integradas com baixa conectividade), a maior quantidade de linhas de ônibus e a presença diversificada e especializada de comércio e serviços.

Nas áreas mais segregadas com alta ou baixa conectividade registra-se a presença de uma praça, localizada no Alto do São Francisco, uma pequena quantidade de linhas de ônibus e comércio e serviços caracterizados como de vizinhança.

A partir dos dados obtidos sobre os tipos de violência na Boca do Rio foi possível efetuar o cruzamento das informações com aqueles obtidos a partir da utilização do método de sintaxe espacial, obtendo-se como resultado a espacialização do fenômeno no ano de 2005. Foram analisados, como dito anteriormente, os seguintes tipos de violência: roubo, furto, uso e tráfico de drogas, estupro e homicídio doloso. No ano de 2005, os roubos representaram 54,4% das ocorrências, os furtos, 44, 2%, o uso e tráfico de drogas, 0,4%, o estupro, 0,2%, e o homicídio doloso, 0,8%.

O cruzamento destes dados, a partir dos boletins diários, com o método da sintaxe espacial, permitiu gerar as tabelas 01, 02, 03, 04 e 05, a seguir.

Tabela 01. Roubo – Boca do Rio, 2005 (%)

Eixos Integrados com alta conectividade	Eixos integrados com baixa conectividade	Eixos segregados com alta e baixa conectividade
68,9	28,8	2,3

Fonte: Nona Delegacia, 2005

¹ Compare Serpa, 2001.

Tabela 02. Furto – Boca do Rio, 2005 (%)

Eixos integrados com alta conectividade	Eixos integrados com baixa conectividade	Eixos segregados com alta e baixa conectividade
67,7	28,8	3,5

Fonte: Nona Delegacia, 2005.

Tabela 03. Uso e Tráfico de drogas – Boca do Rio, 2005 (%)

Eixos integrados com alta conectividade	Eixos integrados com baixa conectividade	Eixos segregados com alta e baixa conectividade
75	25	0

Fonte: Nona Delegacia, 2005.

Tabela 04. Estupro – Boca do Rio, 2005 (%)

Eixos integrados com alta conectividade	Eixos integrados com baixa conectividade	Eixos segregados com alta e baixa conectividade
50	50	0

Fonte: Nona Delegacia, 2005.

Tabela 05. Homicídio Doloso – Boca do Rio, 2005 (%)

Eixos integrados com alta conectividade	Eixos integrados com baixa conectividade	Eixos segregados com alta e baixa conectividade
40	53,3	6,7

Fonte: Nona Delegacia, 2005.

Como pode ser observado nas tabelas 01, 02, 03, 04 e 05 existe uma concentração de roubos, furtos e uso e tráficos de drogas nas áreas integradas com alta conectividade. Os eixos integrados com alta conectividade estão localizados na Avenida Otávio Mangabeira (trecho Aeroclube – Jorge Amado), Rua Hélio Machado, Rua Simões Filho, Rua Heitor Dias, Rua Abelardo de Carvalho e Rua Yemanjá. Nestas ruas, estão localizados o comércio e os serviços especializados do bairro, a maior parte das linhas de ônibus e a maior parte da população com maior renda.

Nos eixos integrados com baixa conectividade, representada pela maior parte das ruas do bairro, constata-se a mesma tendência dos tipos de violência dos eixos integrados com alta conectividade, mas apenas o homicídio doloso é maior nestas áreas. Contudo, este tipo de violência aconteceu no ano de 2005 apenas nas seguintes ruas: Rua Novo Paraíso, Rua da Tranquilidade, Rua Emiliano Galiza, Ruas Cristóvão Ferreira e Vigildásio Sena.

As áreas mais segregadas com baixa e alta conectividade foram agrupadas para análise e comparação de dados, devido às informações incompletas nos boletins diários sobre as ruas exatas do Alto São Francisco. Basicamente estas áreas segregadas com baixa e alta conectividade são formadas pelas ruas do Alto do São Francisco e pela Praia dos Artistas.

Os locais segregados são as áreas com as menores porcentagens de violência, sendo o estupro e o uso e tráfico de drogas inexistentes. O homicídio doloso não aparece no Alto do São Francisco, mas é constatado na Praia dos Artistas.

A qualificação de “segregado” não indica necessariamente uma característica de locais abandonados ou isolados, sem nenhum tipo de infra-estrutura urbana, o método apenas aponta os eixos de importância local na escala do bairro, ou seja, onde há predomínio da presença de habitantes em detrimento dos visitantes. O Alto do São Francisco apresenta esta peculiaridade, afinal é uma área que não apresenta nenhum atrativo para o visitante. Então seria a segregação morfológica um elemento interessante para diminuição da violência? Não necessariamente, o problema da violência vai além desta questão. No caso do Alto do São Francisco, além de não

ser uma área atrativa para o visitante, existe outro elemento importante nesse contexto: a rede de relações entre vizinhos. Foi verificado em campo, no momento de aplicação dos questionários com os moradores, uma localidade formada por moradores antigos e conhecidos, o que pode inibir os tipos de violência analisados nesta pesquisa. Para complementar estas informações, do universo dos entrevistados, 39,2% acreditam que existem locais seguros no bairro e 32,2% indicaram o Alto do São Francisco como uma localidade segura do bairro (ver tabelas 06 e 07).

Tabela 06. Presença de localidades seguras na Boca do Rio (%)

Sim	39,2
Não	59,5
Não sabe	1,3

Tabela 07. Localidades seguras na Boca do Rio(%)

Rua do morador	35,6
Alto do São Francisco	32,2
Hélio Machado	6,8
Traquilidade	10,2
Simões Filho	3,4
Pracinha	3,4
Baixa Fria	1,7
todo o bairro	1,7
Aeroclube	1,7
Abelardo de Carvalho	1,7
Orla	1,6

Fonte: Pesquisa em campo, 2006.

Os locais mais seguros, segundo os moradores (35,6% - ver tabela 07), não importando a hierarquização do método e dados da polícia, são suas próprias ruas. Outro detalhe é a iluminação das localidades seguras que foi avaliada por 82,2% como “boa”, sendo que a iluminação foi avaliada, no bairro todo, como “regular” - 42,5% (ver tabelas 08 e 09). A rua é um dos principais locais de vivência destes moradores, ou seja, não pode ser considerada área de violência; resumindo, são os paradoxos abarcados pela percepção da violência.

Tabela 08. Iluminação pública nas localidades seguras (%)

Excelente	3,3
Boa	82,3
Regular	7,8
Ruim	4,6
Péssimo	1,3
Não sabe	0,7

Fonte: Pesquisa em campo, 2006.

Tabela 9. Iluminação pública na Boca do Rio (%)

Excelente	4,6
Boa	34,0
Regular	42,5
Ruim	5,5
Péssimo	12,4

Fonte: Pesquisa em campo, 2006.

Como pôde ser avaliado, o roubo e o furto são os tipos de violência que “mais acontecem” na Boca do Rio. Analisar a questão da violência é verificar o contexto social em que

o problema está inserido. Nesta pesquisa a violência é analisada num contexto social bastante restrito – o bairro da Boca do Rio. Porém, o bairro não está desvinculado dos processos que acontecem na cidade de Salvador. Principalmente, pelo fato de estar localizado numa área “privilegiada” de investimentos, a Orla Atlântica da cidade, e possuir um elemento importante para o *marketing* turístico, o Aeroclube Plaza Show. Como a maior parte da população da Boca do Rio é jovem (44,5% da população está na faixa etária dos 15 aos 29 anos) e pobre, não possuindo poder aquisitivo suficiente para “participar” destes investimentos, irá procurar se inserir de alguma maneira, às vezes “transgredindo as leis”.

Para Espinheira (2004), a cidade de Salvador, otimizando seus recursos para o turismo, cria um tipo de cultura – a cultura do turismo:

A cultura do turismo é a da exposição de coisas, objetos e pessoas nas mais diversas situações e condições. É preciso ter recursos para se ter valor e isso implica que uma certa parcela de jovens vai integrar o contingente que faz o tráfico de drogas, vão se especializar em furtos e roubos, assaltar ônibus urbanos, promover seqüestros de portadores de cartões de créditos, assaltos a bancos e casas comerciais, enfim transgredir para obter dinheiro (ESPINHEIRA, 2004, p. 66).

A violência, a iluminação pública e as áreas de lazer públicas da Boca do Rio

“Quase mil assaltos na escuridão”, este é o título de uma reportagem do Jornal A Tarde, do dia 11 de setembro de 2005, relacionando a iluminação pública com o crescimento da violência em alguns bairros de Salvador. Conforme dados da Secretaria Municipal de Serviços Públicos (SESP), citados na reportagem, existe uma “*demanda de dez mil pontos de luz na cidade, principalmente em bairros de periferia. Desses, apenas mil têm previsão de ser concluídos até o fim do ano*” (p.18). É muito comum relacionar estes dois temas, pois, para aquele que irá cometer o ato criminoso, a escuridão pode servir como um alibi.

A iluminação pública no bairro foi avaliada por 42,5% dos moradores como regular, por 34% como boa, por 12,4% como péssima, por 5,5% como ruim e por 4,6% como excelente (ver tabela 08). A distribuição dos postes de iluminação não é irregular (verificada em campo e reproduzida num mapa), contudo o tipo de luz de cor alaranjada – mercúrio – que se utiliza acaba por deixar a maior parte do bairro às escuras. Registra-se uma boa iluminação apenas na Orla, mas, ainda assim, em alguns pontos existem também localidades às escuras. No entanto, na Boca do Rio, a iluminação não é um fator preponderante para o aumento de roubos e furtos, pois baseado nos dados da delegacia do bairro, a maior parte destes acontecem no período vespertino, apenas os homicídios dolosos acontecem durante a madrugada. Os outros dois tipos de violência – uso e tráfico de drogas e estupro - não foram analisados, pois não há dados detalhados das ocorrências nos boletins diários.

As áreas de lazer públicas são analisadas pelo método de sintaxe espacial como espaços convexos, porém nem todo espaço convexo pode ser considerado uma área de lazer. Como exemplo, cita-se os canteiros centrais e os taludes, não sendo considerados áreas de lazer, mas espaços livres de edificações.

Por que relacionar áreas de lazer e violência? Alguns pesquisadores do tema apontam a importância das áreas de lazer no “combate” à violência. Os estudos do sociólogo Gey Espinheira mostram que o “*controle da violência estaria na superação das condições mais dramáticas de vida, da ausência de instituições de mediação e de espaços de lazer...*” (ESPINHEIRA, 2001, p.13).

As áreas de lazer públicas na Boca do Rio se concentram em sua maior parte na Orla: Parque Atlântico (ao lado do Aeroclube), “As Quadras” (em frente ao *Multishopping*), Praia dos Artistas, Rua Mangabeira da Boca do Rio (rua fechada utilizada como área de lazer) e um campo de futebol (ao lado do Colégio Imejá). Recentemente foi instalado um parque infantil ao lado

deste campo. Existe também um campo de futebol muito utilizado pelos moradores, mas nesta pesquisa este foi considerado parte do bairro de Jardim Armação. Nas áreas internas do bairro existem três praças: Praça Dr. Renato Mendonça (conhecida como pracinha), Praça do “Pau Mole” e Praça Mãe Preta (localizada na Caixa D’água – desconsiderada pela pesquisa, por ser uma área de risco para realizar pesquisas em geral). Na pesquisa anterior, foram escolhidos alguns espaços para aplicação de questionários, com o objetivo de identificar as diferentes formas de apropriação dos espaços livres.

Os espaços escolhidos seguiram a lógica da hierarquização: dos mais integrados e bem conectados, passando pelos integrados e mal conectados, até os espaços menos conectados e mais segregados. Nesta lógica, a praça Dr. Renato Mendonça é a mais integrada e bem conectada, a rua Mangabeira da Boca do Rio e as “Quadras” são bem integradas, mas mal conectadas, sendo que as “Quadras” são menos integradas que a Rua da Mangabeira da Boca do Rio e a praça do “Pau Mole”, o espaço livre público mais segregado do bairro.

Como resultado da aplicação de questionários, constatou-se uma relação importante entre áreas de lazer, iluminação pública e violência. As respostas indicaram que os quatro espaços são utilizados, em sua maioria, para encontrar amigos e “bater papo”, principalmente durante o dia, pois os moradores alegaram falta de segurança nestas áreas no período noturno. A falta de segurança está relacionada com a precária iluminação e a falta de policiamento (constatadas nos levantamentos de campo) em áreas muito abertas, como é o caso do Parque Atlântico e “As Quadras”. Na Praça do “Pau Mole”, a única iluminação existente é uma lâmpada colocada pelos próprios moradores. Locais que apresentam boa iluminação são o campo de futebol e o parque infantil adjacente, sendo também utilizados pelos moradores no período noturno.

Como podemos verificar na Boca do Rio, o problema não está relacionado apenas com a escassez das áreas de lazer, mas também com a iluminação pública destes espaços. Ao que parece, não adianta haver um espaço livre com bons equipamentos de lazer se não existe uma boa iluminação, a população acaba se sentindo insegura e não frequentando estas áreas.

As medidas preventivas de segurança individuais: Modificadoras da paisagem

A violência e a crise da segurança pública brasileira acabam afetando o cotidiano do cidadão comum e modificando suas relações com seus espaços de vivência. Na opinião de 86,3% dos entrevistados a violência aumentou no bairro, 6,5% disseram que a violência diminuiu e 7,2% indicaram que não sabiam informar. É importante ressaltar que as respostas equivalentes ao “não saber” não é algo claro e objetivo como apresentado nos dados analisados nesse relatório, que devem ser relativizados, afinal a temática violência parece ser algo que assusta e mobiliza muito os entrevistados. Era comum no decorrer da aplicação dos questionários a desistência de alguns entrevistados, mostrando que o medo ainda impede uma pesquisa mais objetiva sobre a temática.

Geralmente a questão do aumento da violência, na opinião dos cidadãos, está sempre aliada às ações e atuações do poder público. Compreender a violência nesta perspectiva é algo mais cômodo e “fácil” para resolver os complexos problemas de uma cidade fragmentada e desigual. A avaliação dos moradores em relação à atuação da polícia no bairro variou de regular a péssima e as ações efetivas em relação a segurança mais citadas foram: Ronda (8,5%), acampamento no final de linha (3,3%), atuação do centro de operações especiais (1,3%), atuação da Rondesp (1,3%), mudanças no quadro policial (0,7%), blitz (0,7%), reforço policial (0,7%), presença de uma Delegacia no bairro (0,6%) e a presença de um Conselho Comunitário do bairro². Contudo, a maioria dos entrevistados, 68,6%, não soube responder sobre nenhuma ação concreta e 13,1% afirmaram que não existe nenhuma atuação do poder público na Boca do Rio.

² “Trata-se de uma entidade de caráter privado e sem fins lucrativos, a qual tem por objetivo agir como um eficiente instrumento de ação nas relações entre a polícia, comunidade, entidades públicas e privadas e demais segmentos da

Como a compreensão da problemática da violência perpassa também pela atuação da sociedade civil, a pesquisa envolveu questões sobre a ação dos moradores em relação à segurança: 49,0% dos moradores não sabiam informar sobre nenhuma forma de atuação, 23,9% indicaram o pagamento de vigilância noturna, 15,5% indicaram as passeatas pela paz, 3,2 % declararam que existem reivindicações a políticos, 2,6 % responderam que não existe nenhuma, 1,9% responderam que existe participações em programas de Televisão para reivindicar mais segurança, 1,9% responderam que existe um Conselho Comunitário de Segurança, 1,4% disseram que os moradores utilizam medidas preventivas individuais e 0,6% declararam que são feitos abaixo assinados para aumentar a segurança no bairro. Assim, as medidas individuais são as ações mais citadas, pois segurança particular também é considerada uma medida privada.

As medidas individuais de segurança individuais envolveram, além da segurança privada, grades, muros altos, cão de guarda, portão, lanças nos muros e nos portões, cadeados e arma de uso pessoal. No entanto, um detalhe interessante é que do universo dos moradores que utilizam a vigilância noturna, 65,1% também usam as medidas individuais citadas. Devemos salientar que este não é um processo verificado apenas na Boca do Rio, atualmente as medidas preventivas individuais estão se tornando cada vez mais comuns em Salvador, no Brasil e no mundo³, não sendo restritas apenas a uma classe social, porém as conseqüências de tais atitudes vão além das mudanças na paisagem como salienta Caldeira (2000):

Moradores de todos os grupos sociais argumentam que constroem muros e mudam seus hábitos a fim de se proteger do crime. Entretanto, os efeitos dessas estratégias de segurança vão muito além da garantia de proteção. Ao transformar a paisagem urbana, as estratégias de segurança dos cidadãos também afetam os padrões de circulação, trajetos diários, hábitos e gestos relacionados ao uso de ruas, do transporte público, de parques e de todos os espaços públicos... (p. 301).

CONCLUSÃO

A dinâmica das relações entre a morfologia urbana e a violência é algo complexo e, ao mesmo tempo, muito instigante enquanto objeto de investigação. A pesquisa teve como enfoque a violência num bairro de Salvador. Contudo, o bairro é analisado como um elemento constituinte do tecido urbano, sendo assim influenciado por outras partes da cidade, mas possuindo também dinamismo próprio. A grande escala permite uma melhor visualização dos detalhes, mas, enquanto pesquisador, não se deve deixar “para trás” as generalizações e as interpenetrações das diversas escalas.

O “detalhe” a ser ressaltado nesta pesquisa diz respeito à peculiaridade de uma localidade na Boca do Rio: o Alto do São Francisco. Geralmente, locais de difícil acesso são vistos como precursores da violência, no entanto esta localidade apresenta baixos índices de ocorrências policiais. Assim, analisar a morfologia descartando os diversos sistemas sociais não abarca a complexidade do fenômeno. Como já foi dito anteriormente, a forte relação entre os vizinhos permite um certo controle dos tipos de violência estudados.

Os locais de violência na Boca do Rio coincidem com as áreas de maior circulação de pessoas, presença de comércio e serviços, linhas de transporte e áreas de lazer. Assim, a violência se torna uma forma de produzir riqueza e aqueles que de alguma forma foram excluídos das benesses da urbanização vão, através do crime, tentar se incluir numa sociedade caracterizada pela lógica do consumo.

sociedade civil organizada. Revela-se como um importante instrumento, que fortalece o exercício da cidadania por parte de todos, possibilitando à comunidade participar de forma organizada e responsável da problemática da segurança pública, visando acima de tudo a busca da paz social e a melhoria na qualidade de vida” (trecho retirado da Cartilha do Conselho Comunitário – enviado via e-mail para a pesquisadora pela polícia).

³ Para maiores detalhes ver Caldeira, 2000 e Gomes, 2002.

A reprodução dos discursos das relações íntimas entre violência e ações públicas (ou de sua ausência) e a utilização de medidas preventivas, acaba por simplificar a complexa questão da violência urbana. A problemática da violência perpassa pela compreensão de um sistema desigual, que reproduz cada vez mais atitudes fragmentadas e individualistas. O desafio da sociedade estaria em reverter estas novas formas de pensar e agir, pois a violência não atinge somente os mais pobres, todos somos vítimas e cúmplices desse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. Tradução: Frank Oliveira e Henrique Monteiro. São Paulo: Edusp, 2000. 400p.

GOMES, P. C. C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. O espaço público e as manifestações do recuo de cidadania. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002. 304p.

ESPINHEIRA, G. (org). **Sociabilidade e Violência: criminalidade no cotidiano de vida dos moradores do Subúrbio Ferroviário de Salvador**. Salvador: Ministério Público do Estado da Bahia, UFBA, 2004.

ESPINHEIRA, G. Sociabilidade e violência na vida cotidiana em Salvador. **Revista Análise e Dados**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 08-16, junho de 2001.

GERARDI, L. H. de O.; SILVA, B. C. M. N. **Quantificação em Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1981.

HOLANDA, F.; GOBBI, C. **Forma e uso do espaço urbano – estudos de casos assistidos por computador**. Brasília: Instituto de Arquitetura e Urbanismo – UNB, 1988.

QUASE 11 mil assaltados na escuridão: Falta de equipamentos e pessoal deixa dez mil pontos da cidade sem luz e faz crescer índices de crimes. **Jornal A Tarde**, 11/09/2005, p.18.

SANTOS, C. A. dos. **Fatores sócio-econômicos culturais de um bairro "dividido": O caso da Boca do Rio (Salvador-Ba)**. Relatório Final de Pesquisa (PIBIC/CNPq). Departamento de Geografia/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SERPA, A. **Fala, Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano**. Salvador: PROEX/EDUFBA, 2001. 308 p.